

BRINCANDO A GENTE APRENDE: vivências do estágio na educação infantil

FLÁVIO SANTOS DE OLIVEIRA
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

RENATA SILVA DE MELO
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Resumo

Este trabalho busca apresentar reflexões sobre a experiência do estágio curricular na educação infantil e a importância do planejamento bem intencionado neste segmento, contribuindo, assim, possibilitar reflexões crítico-reflexivas sobre a experiência curricular do estágio supervisionado. Desse modo, trata-se de um relato de experiência das atividades desenvolvidas no estágio curricular obrigatório supervisionado do curso de pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, realizado em uma instituição de ensino de Educação Infantil no município de Vitória da Conquista - Bahia, no segundo semestre do ano de 2022. Este estudo apresenta elementos metodológicos que se aproximam dos estudos descritivos, por apresentar características de determinado fenômeno e estabelecer relações da ação, como apresenta a literatura consultada. Realizar o estágio oportunizou o atrelamento entre a relação teoria e prática, uma prática consciente que não se estabelece de forma efetiva sem a teoria e vice-versa, bem como, possibilitou e esclareceu dúvidas que ainda estavam presentes, pois a partir dessa vivência observamos e realizamos ações práticas. Desse modo, o período de regência nos possibilitou refletir sobre a realidade do educando que ali se encontra, seus contextos, dificuldades, além de crescermos no campo pessoal e profissional.

3754

Palavras-chave: Educação infantil. Estágio. Prática pedagógica.

Abstract

This work seeks to present reflections on the experience of the curricular internship in early childhood education and the importance of well-intentioned planning in this segment. Thus contributing to enabling critical-reflexive reflections on the curricular experience of the supervised internship. Thus, this experience report presents reflections on the mandatory supervised curricular internship of the pedagogy course at the State University of Southwest Bahia, carried out in an Early Childhood Education teaching institution in the municipality of Vitória da Conquista - Bahia, in the second half of the year 2022. This study presents methodological elements that are close to descriptive studies by presenting characteristics of a certain phenomenon and establishing action relationships, as presented in the consulted literature. Carrying out the internship provided the opportunity to link the relationship between theory and practice, a conscious practice that cannot be established effectively without theory and vice versa, as well as enabling us to clarify doubts that were still present, as from this experience we observed and we carry out practical actions. Therefore, the period of regency allowed us to reflect on the reality of the student there, their contexts, difficulties, in addition to growing in the personal and professional field.

Keywords: Child education. Internship. Pedagogical Practice.

INTRODUÇÃO

Esta discussão é fruto da vivência do estágio curricular obrigatório supervisionado na educação infantil do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, realizado em uma instituição de ensino conveniada ao município de Vitória da Conquista, no estado da Bahia, no segundo semestre do ano de 2022. A exposição deste relato de experiência surge da necessidade de apresentar estudos crítico-reflexivos sobre a importância do estágio para a formação docente atrelado a formas conscientes de planejamento para este segmento. Assim, discorreremos sobre as experiências vividas neste período, mobilizando reflexões que possibilitam pensar sobre o período de estágio e a atuação das professoras/es na educação infantil, possibilitando assim, ações críticas para uma atuação cada vez mais intencionada atrelada aos pressupostos teórico-metodológicos.

O estágio é uma construção coletiva na qual envolve universidade, escola, professores, educandos e educandas, estagiários e funcionários, tendo como principal intuito a formação prática docente que possibilita aos estagiários uma compreensão ampla de fatores e processos que envolvem o ambiente escolar que só podem ser observados com a ida a campo, como apresenta Fontana (2013),

O objetivo fundamental do estágio, como atividade acadêmico formativa, é promover um alargamento da compreensão da cultura escolar em suas práticas e apreciações valorativas, pelo cotejamento das diversas concepções de educação, escola e docência presentes no processo de formação profissional (Fontana, 2013, p.143).

É um campo que envolve muitos segmentos para que o estagiário(a) consiga desenvolver na prática os arcabouços teórico-metodológicos discutidos no espaço universitário. Esta é uma oportunidade para que o estudante/professor(a) em formação observe mais intimamente o seu espaço de atuação. Tendo em vista que este é um dos momentos mais desafiadores da graduação, pois ao ser inserido no campo de estágio, estão entrelaçados por dúvidas, medos, incertezas e inseguranças quanto a sua atuação em sala de aula.

Antes de adentrar ao campo de estágio, o discente está fundamentado em teorias, concepções e conceitos sobre práticas educativas para o bom desenvolvimento do trabalho pedagógico. No entanto, a realidade que se apresenta é bem mais complexa do que toda a fundamentação que pressupôs. Sobre estas situações Ostetto e Maia (2019) refletem sobre:

se no curso eles são convidados a conhecer a história, as políticas, as teorias, as práticas, as possibilidades que permeiam a Educação Infantil, o cotidiano educativo-pedagógico expõe uma realidade que não corresponde, tal e qual, àquelas apresentadas e estudadas (Ostetto e Maia, 2019, p.4).

Elas demonstram, assim, qual e quais circunstâncias estão inseridos os/as estagiários ao adentrarem o campo, de forma específica a educação infantil. Por isso, se faz cada vez mais necessário discussões que trabalhem a situação dos estagiários, a fim de mobilizar reflexões que os possibilitem conhecer o campo literário e prático das vivências do estágio. Em vista disso, o objetivo desta discussão é apresentar reflexões sobre a experiência do estágio curricular na educação infantil e a importância do planejamento bem intencionado neste segmento. Tendo em vista que, antes de irmos ao campo, a primeira parte da disciplina curricular de estágio foi permeada com discussões e leituras sobre o estágio na educação infantil e a importância da realização de planejamentos bem intencionados e fundamentados para desenvolver com as crianças. Desse modo, nos valem de leitura como Ostetto (2000), Ostetto e Maia (2019), Redin (2012), Gobbi (2010).

À vista disso, o planejamento na educação infantil vai muito além de uma prática sistemática como o preenchimento de ficha entre outras atividades burocráticas. Ele depende da visão de mundo, de criança, de educação, do processo educativo que temos e que queremos. Envolve reflexão, posicionamento, ação e desejo do que entendemos que é ser criança, o que necessitam e o que é necessário para desenvolver com elas. Necessitam de um posicionamento anti-adultocêntrico, de um planejamento pensado e centrado no adulto, para um planejamento pensado por adultos e crianças, mas direcionado única e exclusivamente às crianças. Mas, observamos planos pensados para adultos a serem cumpridos por crianças. Planejamentos mecânicos, que em nada valorizam a autonomia da criança, igualmente, a falta de planejamento.

Sobre a situação que se apresenta, “planejar se torna importante para termos consciência dos nossos propósitos e das condições concretas que possuímos ou que podemos buscar para alcançá-los” (Redin, 2019, p.16), demonstra assim, o fio de linha do planejamento. Ele possibilita que tenhamos consciência de nossas ações em sala, além de nos assegurar quando por ventura as situações inesperadas se apresentem, não devemos estar a merecer do imprevisto. Como destacado anteriormente, o planejamento na educação infantil ainda está centrado no adulto, no intuito de “regular” as crianças ao bom comportamento, um planejamento centrado no ideal perfeito de crianças mecânicas, que distancia de um planejar que envolve a criança como o destaque central, que trabalhe sua autonomia, que visa suas diversas expressões e habilidades.

Segundo o estudo de Ostetto (2000), “*planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco*”, destaca que no processo de elaboração do planejamento o educador vai aprendendo sua capacidade de perceber as necessidades da criança, isto é, vai

aprendendo a localizar o problema para que assim realize um plano com um olhar atento à realidade. E foi exatamente isso que ocorreu em uma determinada aula no período de regência. Abordamos sobre a criação da memória afetiva dos alimentos, entretanto, mudamos algumas coisas do plano para que uma determinada aluna com dificuldade em identificar cores, pudesse aprimorar seus conhecimentos. Então o que foi feito? No primeiro momento foi entregue uma atividade com desenhos de frutas e eles deveriam pintá-los de acordo com sua cor, eles sabiam a cor ao perguntarmos sobre a cor do morango, mas ao pegar alguns lápis e pedir para que pegassem uma determinada cor, não conseguiam nomear. Sendo assim, para ajudá-los nessa identificação, dividimos os lápis em cada mesa e pegamos várias cores de tinta e indagamos: *qual destas cores se associa ao da banana?* Tudo isso com a intenção de ajudar as crianças a aprenderem as cores, mas de maneira dinâmica e leve. Ou seja, foi realizado um planejamento com foco nas crianças, sendo protagonistas do seu processo, mas também pensando nas dificuldades que alguns possuíam. Logo, subentende-se que o processo de ensino deve estar sempre inovando, promovendo o interesse de o aluno aprender.

É relevante que o educador utilize metodologias nas atividades e demandas escolares que contenha todos os alunos do âmbito da sala de aula, que todos consigam participar, mesmo tendo alguma dificuldade, pois educar significa propiciar ocasiões de cuidado, brincadeiras e aprendizagem para que possam contribuir para as capacidades infantis.

Situações simples como a exposta anteriormente, destacam a necessidade da ida a campo permeados pela literatura sobre planejamento na educação infantil e suas concepções, no tocante a cada vez mais posicionar nosso pensamento ao planejamento pensando na criança e não no adulto como aponta a literatura e as experiências de estágio. Destacando assim, a pertinência de um planejamento bem intencionado e fundamentado.

METODOLOGIA

O relato de experiência é fruto da realização do estágio curricular supervisionado obrigatório em Educação Infantil do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *Campus*, Vitória da Conquista, realizado no semestre de 2022.1, segundo semestre do ano de 2022, 11 de julho a 30 de novembro de 2022, com carga horária de 225 horas. Os meses de julho, agosto e setembro foram reservados à leitura de referenciais sobre o estágio na educação infantil e maneiras de pensar o planejamento, igualmente para a elaboração

e revisão dos planos de aula. Desse modo, o mês de outubro ficou reservado para a prática de estágio e novembro para a elaboração e revisão do relatório.

O estágio foi realizado em uma instituição de ensino de educação infantil (*Creche*), conveniada à prefeitura municipal da cidade de Vitória da Conquista, no estado da Bahia. Nosso primeiro contato com a instituição se formalizou na primeira semana de agosto, definindo que a partir do mês de setembro uma vez por semana observaríamos a sala para conhecermos as crianças e funcionários para a familiarização da nossa presença. Neste contexto, buscamos apresentar nossa experiência de estágio, apresentando reflexões sobre este processo.

Dessa forma, como está apresentado anteriormente, o componente curricular se iniciou na segunda semana de julho, com 4 horas de aula todas às segundas-feiras no matutino. Esse período ficou definido para a discussão de referências que trabalham o contexto da educação infantil e possibilitam refletir e re(pensar) o planejamento neste segmento. Assim, na primeira semana de setembro realizamos o primeiro contato com a instituição e firmamos o acordo para observar a turma que cada dupla de estágio conduziria. E, como recurso para análise, nos valem do diário de bordo, onde anotamos, descrevemos e refletimos sobre esta vivência. Este recurso consiste, “num instrumento de anotações - um caderno com espaço suficiente para anotações, comentários e reflexão - para uso individual do investigador no seu dia-a-dia, tendo ele o papel formal de educador, investigador ou não” (Falkembach, p.3, 1987).

3758

Sendo utilizado para as análises, reflexões e escrita do relatório, manuseado desde o primeiro dia de observação ao último dia de regência. As reflexões foram analisadas a partir dos referenciais discutidos em sala na universidade.

Para o mês de outubro ficou definida a parte prática. Assim, se realizou no período de um mês, divididos em três momentos, uma semana de observação de sala entre os dias 3 a 7 de outubro; uma semana de observação e participação, 10 a 14; e duas semanas de regência entre os dias 17 a 28 de outubro, totalizando o período de 23 dias. Com isso, o mês de novembro foi definido para elaboração, revisão, entrega e discussão das reflexões em sala.

No período de observação não-obrigatória, realizado no mês de setembro, não conduzimos intervenções. Nosso intuito era observar as práticas educativas e familiarizar com os educandos e as educandas, os profissionais do espaço, a rotina da instituição e o contexto do local. Na semana de observação do mês de outubro, observamos e analisamos como eram desenvolvidas as atividades e caso solicitado pela regente, realizar intervenções. Para a segunda semana, observamos a rotina da sala e ajudamos a professora regente de acordo com seu

planejamento e necessidade. Por fim, no período de regência assumimos a sala e realizamos em conjunto com as crianças as propostas previamente definidas para o momento.

Em sala contamos com a presença de uma professora, uma monitora e um público que variava entre 12 à 18 crianças bem pequenas de 3 a 4 anos, assim como define a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um documento geral utilizado como base para toda educação básica nacional. A turma se constituía de crianças do próprio bairro e bairros circunvizinhos da cidade. E para a realização das propostas utilizamos de recursos de produção própria e da própria instituição, como caixa de som, material didático, televisão, brinquedos entre outros.

Para a prática pedagógica realizamos uma proposta coletiva de produção de planos sobre o tema gerador: “*Brincando a Gente Aprende*”, respeitando-lhes os direitos de *conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se*, assim como apresenta a BNCC. Igualmente fundamentados pelos campos de experiência definidos pelo documento,

Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural (Brasil, 2017).

Realizamos a proposta coletiva, onde toda turma de estagiário tinha acesso a cada plano, devidamente revisado pela supervisora, para que, caso fosse necessário utilizá-lo como recurso, tendo em vista que tínhamos um único tema e todos estavam devidamente fundamentados respeitando o documento base, além de deixar disponível para a coordenação da instituição.

As análises da discussão se desenvolveram mediante reflexões problematizadas e relatadas no diário de bordo, que ao momento de relato da vivência no diário, íamos nos mobilizando em situações discutidas pelos referenciais, seja no momento exato da situação, ou tempos depois para a produção do relatório final da disciplina. Assim, o diário de bordo foi fundamental para o processo de análise e reflexão.

Desse modo, este estudo apresenta elementos metodológicos que se aproximam dos estudos descritivos, estes que tem como “objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (Gil, 2008, p.28). E destacados por Mussi; Flores e Almeida (2021), que manifestam a partir de Gil (2008), sobre a descrição das características de determinado fenômeno e estabelecer relações da ação, assim como está proposto nas reflexões da vivência do estágio presentes neste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta seção será dedicada às reflexões e apresentação da nossa experiência em sala, período de atuação da regência, descrevendo, refletindo e analisando os acontecimentos, nossas vivências, dúvidas, medos e a oportunidade de estar em presença com aquelas crianças. O estágio nos possibilitou um olhar mais atento à infância, suas realidades e seus emblemas, principalmente às crianças em situação de vulnerabilidade social. Possibilitou pensar uma educação que seja voltada para a criança, uma criança real, heterogênea, subjetiva, com aspirações, desejo e necessidades. Uma criança que não seja observada pelo olhar adultocêntrico que impõe a elas suas próprias necessidades.

Analisamos a necessidade de uma educação cada vez mais comprometida com a educação infantil, com responsabilidade, fundamentação e uma educação com afeto, próximo delas e que as vejam como senhores de opiniões que devem ser validadas. Demonstrando assim o que é plano e planejamento na educação infantil, ele que vai além de uma prática sistemática, o preenchimento de uma ficha, costume muito concebido por educadores e instituições de ensino, para um processo que envolva análise, reflexão e ação do olhar direcionado às crianças.

A experiência adquirida ao longo do estágio, com efeito, não conseguiremos expressar precisamente nas singelas análises deste texto, esse foi um processo mais amplo de imersão que em conjunto com as crianças formamos e nos (re)formamos, elas nos mostram um olhar atento e atencioso que necessita no educador/a e a forma que deve ser um planejamento na educação infantil. Efetivamente, aprendemos que o planejamento é muito mais que a sistematização que expomos no papel, descobrimos da forma mais conturbada em algumas situações que o que pensamos não é válido para o momento. Vivenciamos o que discutem os referenciais de planejamento quando argumentam que este nunca é fechado, e nem certeza de sucesso em sala.

Ao longo do estágio percebemos o quanto as crianças precisam sempre de mais, elas necessitam de desafios que as instiguem, necessitam se adentrar ao novo, e um novo que se relacione aos seus desejos de aprender, foi no “Brincando a gente aprende” que observamos estes desejos e estas necessidades. Nessa perspectiva, Ostetto (2000) apresenta:

chegamos à conclusão de que planejar na educação infantil é planejar um contexto educativo, envolvendo atividades e situações desafiadoras e significativas que favoreçam a exploração, a descoberta e a aproximação de conhecimento sobre o mundo físico e social (Ostetto, 2000, p.7).

Situações significativas e desafiadoras, foi o que percebemos quando trabalhamos a formação de novas cores, partindo das cores primárias, referenciadas nos campos de experiência “O Eu, o outro e o nós” e “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, como apresenta a BNCC. O que dizer, quando a criança veio a nós e disse: “Olha virou laranja”,

com um olhar fascinante de quem tinha feito uma grande descoberta, pois descobriram que a junção de duas cores formava uma terceira cor. Estavam ali, sendo protagonistas de toda a ação, eram eles o cientista, nós regentes possibilitamos simplesmente as condições para que realizassem, definindo assim o papel da professora/o enquanto profissional qualificado a possibilitar as condições necessárias para o pleno aprendizado do educando/a.

Essa situação foi muito importante para nossa formação, pois era nítido o encantamento das crianças com aquela descoberta, a alegria era geral e contagiante entre si. Esta situação reafirma a relação da criança e da infância com a pintura: amam pintar, desenhar, construir com diversos tipos de materiais, cantar e dançar. Essas propostas chamam sua atenção e é nítido o encanto, pois correspondem sempre com total entusiasmo e genuína participação durante as propostas.

Ao observar determinadas dificuldades dos educandos, começamos a pensar um planejamento que contribuísse para a aprendizagem de todos, sendo assim, elaboramos um planejamento consoante a realidade da turma. Perante essa situação, recordamos de uma passagem do texto de Ostetto e Maia (2019), “*Nas veredas do estágio docente: (RE)aprender a olhar*”, que aponta sobre o olhar atento às necessidades de cada criança, analisando suas formas de ser, brincar, interagir, imaginar e perceber as suas individualidades. Reflexões que ajudam a conduzir o processo, com o olhar atento ao desenvolver as propostas, observando como cada criança agia durante a atividade.

Uma ação foi perceptível, não podemos pensar em um planejamento fechado, engessado e hierarquizado, enquanto a nossa volta o mundo é um turbilhão de descobertas e acontecimentos. Planejar não é fechar-se em um sistema tradicional de educação, é considerar as especificidades de cada educando, suas diferenças, histórias de vida, desejos e necessidades.

Desse modo, em determinada aula propusemos com as crianças a criação de “Massinha” de modelar, proposta referenciada partindo dos campos de experiências “*Traços, sons e formas*” e “*Escuta, fala, pensamento e imaginação*”. Está proposta conforme apontada por Gobbi (2010) na sua obra “*Múltiplas linguagens de meninos e meninas no cotidiano da educação infantil*”, a criação de texturas é essencial em um planejamento. Ao fazer a massinha, a criança estará colocando em prática inúmeros benefícios, como o seu desenvolvimento cognitivo, coordenação motora e outras habilidades. Sem mencionar o prazer de estar fazendo algo diferente, manipulando outros tipos de texturas.

No contexto da educação infantil, observamos as contradições relacionadas à rotina, pois hora é um empecilho para o desenvolvimento pleno das crianças no tocante ao

descobrimos do novo, hora é um recurso inevitável neste segmento. Com a experiência de estágio concordamos que a rotina diária é uma ferramenta imprescindível, pois foi notório como ficam cansadas facilmente com as brincadeiras e atividades. Por isso, em muitas situações repensamos por vezes nossas propostas, uma vez que se cansam facilmente do que está sendo realizado em sala e simplesmente se negam a realizar as atividades/dinâmicas propostas. Destarte, ao percebermos isso, pensamos qual a melhor proposta para o dia tendo em vista a rotina.

Outro recurso a destacar é a realização de rodas de conversa, fator muito importante no dia a dia da criança: ela passa a ideia de segurança, fazendo-as se sentirem livres para falar o que pensam. É isso que a educadora/o precisa entender, que educar é, também, ter alguma oportunidade ao longo do processo de escutar as 17 crianças, assim como menciona Gobbi (2010):

é importante que as crianças tenham oportunidade para debater, expor suas ideias, argumentar, criticar, relacionar-se com os outros e com isso conhecer formas antigas e inventar novos modos de representar o mundo, bem como, criar espaços de favorecimento às expressões de suas ideias e a materialização das mesmas, pelas crianças, sendo consideradas como sujeitos que constroem seu crescimento nas constantes relações com os outros e o meio social, histórico, cultural no qual estão inseridas (Gobbi,2010, p.3).

3762

Outras possibilidades de compreender a relação de eu e o mundo e como me relaciono com eles e suas contradições, a partir da perspectiva da criança, é observado em propostas que envolvem a produção livre. Uma das propostas foi a realização do desenho livre, sem intervenções diretas ou direcionadas às crianças. Percebemos assim, como desenhar é mais que singelos rabiscos em uma folha em branco, em cada traço tem uma expressão, um sentimento, um olhar que nós pedagogos temos que a cada dia no contexto do ensino na educação infantil aprimorar cada vez melhor para enxergar em plenitude. Tendo em vista que

as crianças reescrevem a realidade em seus traços e cores. Dessa forma, estar com as crianças, observar, preparar junto com elas espaços privilegiados para se expressarem é algo fundamental que estamos aprendendo e temos que aprender ainda mais. Olhar detidamente seus desenhos pode, de certa maneira, desestabilizar práticas profissionais cuja preocupação encontra-se em pendurar nos varais as criações e nem mesmo dialogar com quem os fez, ou, ainda pior, colocá-los em saquinhos plásticos que emudecem criadores e obras, deixando-os dentro de armários (Gobbi, 2010, p.5).

Por isso, é fundamental no contexto da educação infantil este olhar atento às crianças, suas necessidades, desejos e aspirações, pois em cada detalhe percebe se um avanço e novas descobertas de uma criança inserida em sociedade que comunga do meio e constitui-se nas

relações sociais. Distanciando assim, da visão ingênua de criança que necessita ser moldada para adequar se ao processo.

Em cada momento do estágio percebemos o quanto o pedagogo/a deve estar em busca de se atualizar, com meios que permitam contribuir sempre com o aprendizado da criança para novas descobertas. O tempo de estágio nos permitiu pensar, re(pensar) e inferir que uma coisa é certa: é urgente educarmos os ouvidos. Reaprender a olhar é preciso! É urgente ouvir suas perguntas, choros, risadas e silêncio. É preciso olhar cada vez melhor para a criança, a infância e suas infâncias, no tocante a possibilitar que consigam elas se desenvolverem plenamente mediante uma educação que a reconheça em todas as suas formas de ser e estar no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do estágio curricular supervisionado, nos possibilitou a reflexão sobre o desenvolvimento em sala da relação teoria e prática que tanto se discutem nos cursos de Licenciatura, de forma especial a pedagogia, da mesma forma que nos possibilitou e esclareceu dúvidas que ainda pairavam sobre a nossa inexperiência. Esse período nos proporcionou observar e ver a realidade dos educandos e educandos no contexto de sala de aula, o funcionamento da educação infantil, suas mazelas e nos vê em situações de fragilidades quando o planejamento não se adequa à necessidade do momento, assim, aprendendo sempre a recomeçar. E isto é a educação infantil, um eterno recomeço do fazer-se docente.

Em muitos momentos nos deparamos com obstáculos, e isso nos fez refletir sobre a nossa formação, pois em muitas ocasiões éramos surpreendidos com situações em que os professores regentes demonstravam totalmente desmotivados com a profissão, comentando suas frustrações e decepções. A realidade demonstrou que ser educador não é uma tarefa fácil e isto foi perceptível durante o período de estágio - salas superlotadas, estrutura não adequada, verba não suficiente, baixo salário, dentre vários outros fatores.

Fomos surpreendidos com nossas limitações enquanto futuros docentes, ao percebermos que a educação infantil tem características próprias, distante às vezes de tudo que tínhamos estudado, ali era real e concreta, cheio de limitações e possibilidades. Obstáculos vivenciados ao nos deparamos com salas muito pequenas para a quantidade de crianças, regras que limitavam o fazer docente e o desenvolvimento das crianças. Um ambiente marcado por lutas e disputas em um contexto que é organizado para a formação social do sujeito.

Percebemos que o planejamento nunca deve ser fechado, e que um planejamento formalmente bem escrito não é garantia de que dará certo, mas que sem ele o professor fica à

mercê do imprevisto. Esta garantia do planejamento foi observada quando em um determinado dia, dois dos planos propostos não funcionaram, utilizando assim estratégias que não estavam formuladas, pois o plano não foi eficaz. Estes momentos de “imprevisto” estão na prática docente e são úteis para determinados momentos, no entanto, o professor não deve ficar à mercê destas situações.

A educação infantil nos possibilitou outros olhares para a criança e as infâncias, pois há uma heterogeneidade imensa na sala de aula, crianças com realidades, especificidades e demandas totalmente diferentes, direcionando assim ao docente a responsabilidade de da conta de todas essas questões, relegando a ele cargas que vão além dos seus limites enquanto docente, tornando a profissão ainda mais desafiadora.

Às vezes nos deparamos com crianças reprimidas, que sabiam, com a pouca idade que tinham, esconder bem a sua situação de vulnerabilidade. Mas, qual nosso papel diante dessa situação? O que fazer? Como agir? Eram questionamentos como esses que pairavam em nossa prática. É sobre essas situações que o docente encontra no espaço da sala de aula, e recai à nós professores e professoras com toda as mazelas da classe observar essas crianças e possibilitar situações que finde essas condições, no entanto, a questão que sobressai é como o professor/a se portará em um contexto que lhe exige posicionamentos mas que na outra ponta lhe insere em um contexto cheio de demandas, sobrecargas, limites e falta de recursos que não os possibilita uma prática pedagógica tranquila e efetiva. Tendo em vista, que dentre tantas questões ficou nítido que o docente no contexto escolar é impossibilitado de muitas coisas.

Com o estágio, aprendemos que, muitas vezes, o que pensamos em trabalhar não é necessariamente o que a criança “quer”, ou seja, são trabalhados conteúdos que não é novidade e nem desperta a curiosidade das crianças e/ou estão fora da vivência daqueles indivíduos.

Perante isso, tornou-se perceptível o quão necessário é propor atividades que correspondam com a realidade do educando/a e chamem atenção das crianças, para que estas percebam que são protagonistas do processo. Entretanto, entendemos também que muitas vezes o professor tenta, mas não consegue ter esse olhar atento muita das vezes, pois muitas são as demandas do educador e da educadora, de forma especial na educação infantil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**: educação é a base. Brasília: MEC, 2017.

FALKEMBACH, Elza Maria F. Diário de campo: um instrumento de reflexão. Contexto e educação. Ijuí, RS, Vol. 2, n. 7 (jul./set. 1987).

FONTANA, Roseli A. Cação. O estágio curricular nos anos iniciais do ensino fundamental - apontamentos sobre o processo de inserção no campo de estágio. *olh@res*, guarulhos, v. 1, n1, p.141-162, maio. 2013.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOBBI, Márcia. **Múltiplas linguagens de meninos meninas no cotidiano da educação infantil**. São Paulo, 2010.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional** v. 17, n. 48, p. 60-77, OUT./DEZ.2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010/6134>. Acesso em: 01 de Mar. 2024.

OSTETTO, Luciana Esmeralda.; MAIA, Marta Nidia Varella Gomes. Nas veredas do estágio docente: (re)aprender a olhar. **Olhar de Professor**, [S. l.], v. 22, p. 1–14, 2019.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **encontros e encantamentos na educação infantil partilhando experiências de estágios**. Campinas: Papyrus, 2000.

REDIN, Marita Martins. Planejamento na educação infantil com um fio de linha e um pouco de vento. In: AMODEO, Maria Celina Bastos; AVILA, Ivany Souza; BARBOSA, Maria Carme Silveira; DORNELLES, Leni Vieira; REDIN, Marita Martins; RODRIGUES, Maria Bernadette Castro (org.). Planejamento, Práticas e projetos pedagógicos na educação infantil. Porto Alegre: Mediação, 2012. p.21-37.

3765

Autor 1:



Flávio Santos de Oliveira

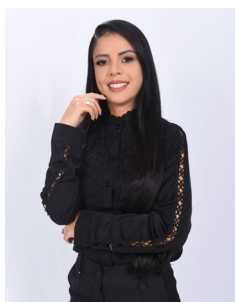
Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Mestrando em Ensino - PPGEn, pela mesma Instituição. Foi bolsista de Iniciação Científica - Fapesb e Monitor na disciplina de Currículos - UESB.

E-mail: flaviosantosoliveira8@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3202728607093764>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-1135-2830>

Autor 2:



Renata Silva de Melo

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (2024). Integrante do Programa Residência Pedagógica. Participante do grupo de Estudos e Pesquisa em Alfabetização Inicial, leitura e escrita (GEPALI).

E-mail: renataslv98@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6141212387018686>